

Após vitória, Milei reitera privatizações e fim do Banco Central

TRANSIÇÃO NA ARGENTINA

RISCO DE INVIABILIDADE Milei reitera promessas, mas incerteza sobre apoios põe em xeque agenda de eleito

JANAINA FIGUEIREDO

Um dia após uma vitória eleitoral histórica sobre peronistas e kirchneristas, o presidente eleito da Argentina, Javier Milei, confirmou sua decisão de fechar o Banco Central e anunciou que pretende privatizar empresas estatais, entre elas a companhia petrolífera YPF...



'Arrasou'. Homem lê jornal após vitória de ultradireitista; só apoio de Macri e Bullrich, chave na eleição, não será suficiente para aprovar medidas no Congresso

A economista libertária Diana Mondino continua firme para assumir o comando do Ministério das Relações Exteriores, embora tenham surgido boatos de que Macri e Bullrich pleiteiam alguém de sua confiança na Chancelaria.

O veterano Guillermo Francos, que atuou em governos peronistas e era, até há pouco tempo, representante da Argentina no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), será, como previsto, ministro do Interior. Segundo fontes próximas a Bullrich, o Pro tem interesse na secretaria de Transportes e no Ministério da Segurança.

—Macri sente que, sem seus votos e seu apoio para fiscalizar a eleição, Milei não teria obtido o resultado contundente que conseguiu e, com base nisso, está negociando [sua participação no governo] — contou uma fonte próxima da ex-candidata presidencial.

—Na transição que estamos pensando, na questão energética, a YPF e a Enarsa [petrolífera] têm um papel — declarou Milei, em entrevista a uma rádio local. — Quando essas estruturas forem racionalizadas serão colocadas para criar valor, para que possam ser vendidas de forma muito beneficiosa para os argentinos.

Na mesma entrevista, o presidente eleito disse que a TV pública virou um "mecanismo de propaganda".

—Do que foi dito sobre nós do lado [durante a eleição], 75% foram negativos, com mentiras apoiando a campanha do medo — disse — Não vou aderir a práticas de ter um Ministério da Propaganda.

Em outra entrevista, o presidente eleito afirmou que "fechar o Banco Central é uma obrigação" — medida que também pode depender do Legislativo.

—Dolarizar [a economia] é para tirar o Banco Central do caminho — disse Milei, mantendo o uma das principais promessas de campanha, à qual Bullrich se opõe.

MODELO MENEM

O presidente eleito costuma dizer que o primeiro governo do peronista de direita Carlos Menem (1989-1999) foi o melhor da História da Argentina, e destaca, sobretudo, sua agenda de reformas e privatizações. Menem privatizou muitas empresas estatais, mas, para is-

so, contou com duas medidas-chave: a Lei de Reforma do Estado e a Lei de Emergência Econômica.

Ambas, aprovadas com dois terços da Câmara e do Senado, deram a Menem amplos poderes para implementar as reformas almejadas por Milei. Contudo, a falta de apoio no Congresso deixa pairando no ar um fantasma de inviabilidade para seu futuro governo, cuja posse ocorre em 10 de dezembro.

— Só com Macri e Bullrich não será suficiente, porque Milei não terá sequer um terço dos votos na Câmara e no Senado — explica Ignacio Labaqui, consultor e professor da Universidade Católica Argentina (UCA), acrescentando: — Hoje ele não tem os votos para privatizar nada.

Milei tenta montar seu governo para alcançar apoio suficiente para suas propostas, recorrendo, inclusive, ao peronismo. Ontem, confirmou a incorporação à sua equipe do deputado Florencio Randazzo, ex-ministro do governo de Cristina Kirchner (2007-2015), que já estava distanciado do kirchnerismo. Segundo fontes do atual governo, outros peronistas poderiam seguir os passos de Randazzo. Mas ainda não está claro se a parceria eleitoral bem-suce-

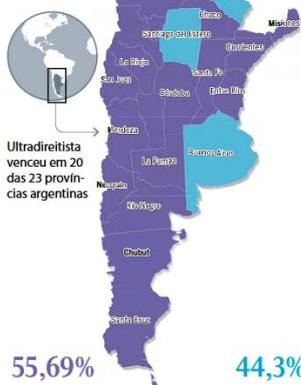
dida com o ex-presidente Macri e a ex-candidata Bullrich, ambos do Proposta Republicana (Pro), se transformará em uma coalizão de governo com o partido de Milei, A Liberdade Avança. O apoio do ex-chefe de Estado ao ultradireitista no segundo turno provocou, na prática, a ruptura da aliança de centro-direita Juntos pela Mudança. Resta saber se o Pro, sócio-fundador da Juntos pela Mudança, aderirá em massa a Milei.

— Milei é uma pessoa difícil de controlar — afirma Labaqui. — Imagino Macri como um assessor do presidente, uma pessoa de consultas, mas acho que rapidamente perceberá que Milei não pode ser domesticado.

PRIMEIRAS NOMEAÇÕES

O presidente eleito pretende reduzir de 18 para 8 o número de ministérios no Gabinete nacional, e os primeiros nomes anunciados ontem refletem um avanço nas conversas com Macri. O ex-presidente conseguiu a designação do advogado Mariano Cúneo Liabarona para chefiar o Ministério da Justiça, nome que também é próximo de Milei. O economista Federico Sturzenegger, que presidiu o BC no governo Macri, é cotado para a pasta da Economia.

VITÓRIA INCONTESTÁVEL



55,69%

44,3%



A favor de Javier Milei

+11,39 pontos percentuais



A favor de Sergio Massa

DESAFIOS DO FUTURO GOVERNO

Inflação Nos últimos cinco meses, a Argentina teve quatro meses de inflação mensal de dois dígitos e em outubro, o índice foi de 9%. Nos últimos 12 meses, a taxa acumulou aumento de 147%. Milei planeja suspender a emissão de pesos pelo Banco Central, como primeiro passo de seu projeto de dolarização. Há, porém, dúvidas sobre a iniciativa. Reduzir de

forma expressiva a inflação demorará, ao menos, dois anos, diz Milei.

Necessário Segundo o previsto do Fundo Monetário Internacional, a economia argentina registrará retração de 2,5% este ano. A pior seca dos últimos 100 anos foi um dos fatores que impediram o país de crescer, mas há também problemas causa-

dos pelo plano econômico fracassado do atual governo. O país vive uma forte escassez de dólares, que levou o governo a barrar importações, afetando desde alimentos até insumos médicos, entre outros produtos. Assim, muitas indústrias enfrentam problemas para produzir, por que faltam peças de máquinas e insumos. Milei terá de buscar alguma forma de recompor as reservas do BC, atualmente zeradas.

Pobreza Na Argentina, 41% das pessoas vivem abaixo da linha da pobreza. Milei, que já avisou que será necessária uma política de ajuste para recompor as finanças e conter a inflação, não tem um plano para os mais humildes. Gradualmente, devem ser eliminados subsídios e programas de ajuda social, o que implicará, em alguns casos, reajus-

tes da tarifas de serviços públicos. Economistas temem aprofundamento da crise social.

Casos no mercado cambial O novo governo deverá ordenar a situação no mercado de câmbio, no qual atualmente convivem mais de 50 cotações de dólar. O dólar paralelo ou blue chegou a bater mil pesos nas últimas se-

manas, e só foi contido porque o governo implementou uma política de perseguição a casas de câmbio clandestinas. Milei prometeu flexibilizar o câmbio, e o desafio é eliminar as rígidas normas que existem atualmente para comprar dólares no mercado oficial sem provocar uma desvalorização abrupta do peso, que poderia arrastar o país para uma hiperinflação.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Mundo Pagina: 19